

Jane Amélia Soares
Luciana Valadares Pinto
(organizadoras)

ENCANTOS DE NATAL

Grupo Artear

Artear Editora

2020

Organização: Jane Amélia Soares . Luciana Valadares Pinto

Coordenação editorial: Jane Amélia Soares

Coleta de textos / revisão de conteúdo: Luciana Valadares Pinto

Correção ortográfica / revisão de conteúdo: Sonia Moraes Haddad

ÍNDICE

Presépio	Maria Teresa Baldoni	5
Presente de Natal	Ildeu Araújo	6
Da cor do céu	Luciana Valadares Pinto	7
Árvores de Natal	Flávia Mafra	8
Êxtase	Celso Ribeiro	9
Um sonho de Natal	Andrea Lisly	13
<i>Flashes</i> natalinos	Nilson Amaral	14
Só não vá se perder por aí	Priscila Araújo	15
A magia da surpresa	Rosa Urpia	17
Horas de espera - o cheiro de Natal no forno	Gabriel Haddad	19
Casa da vó	Vanessa Horta	20
Comunhão	Júlia Almeida	21
Reconciliação	Celso Haddad	23
Um conto de Natal	Márcia Carvalho Ferreira	25
<i>Patris Corde</i>	Ana Maria Haddad	27

Trazemos conosco lembranças ternas da infância. Nesse tempo da vida, a novidade é frequente, e estamos abertos a um estado de surpresa diante de pequenas descobertas. Acontecimentos cotidianos – até banais a olhos adultos – podem despertar na criança um pasmo-maravilhamento: um cheiro, um olhar, uma prenda, um doce, uma brincadeira ou traquinagem... Esses instantes que tocam o início de nossa história nos acompanham e alimentam em cada um de nós uma fonte de doçura.

O Natal é um tempo forte que oferece a oportunidade de nos abrirmos ao novo; ao extraordinário que viceja no comum de nossas rotinas. Ao nos voltarmos a lembranças de miudezas, travessuras e encantos dos natais da infância, podemos ressignificar acontecimentos para deixar emergir o valor da simplicidade e a beleza da vida. Reaprendemos, em nossos próprios começos, a nos surpreendermos novamente.

É o que o Artear deseja: que a fonte de encantamento da criança em nós realmente de frescor os nossos dias.

Feliz Natal!

Presépio

Maria Teresa Baldoni

ERA MANHÃ DE NATAL

Campos Gerais — terra

Tempo largo e recolhido

Sinos elevam a cidade

ERA NOITE DE NATAL

Estrelas brilham

Na casa, o encanto, o encontro

Gruta de verdes musgos

Marta, criança pequena

Desapareceu dos festejos

Sumiu silêncio

Dormia

Aconchegada na palha

De uma caixa vazia de brinquedos

ERA NATAL.

Presente de Natal

Ildeu Geraldo de Araújo

O Carlinhos chutou e a bola veio quicando na direção do meu pé direito. Não resisti, enfiei o pé. O trililim de vidro quebrado me deixou paralisado.

— Minha cristaleira! Esperei anos para ter uma, não durou um dia!

Minha mãe veio da cozinha com um chinelo na mão.

— Eu te falei, Paulo, para jogar bola no terreiro!

— Deixa o menino, Filó..., hoje é Natal! Amanhã eu trago um vidraceiro e sua cristaleira ficará novinha outra vez.

Meu pai colocou a mão no ombro de minha mãe e sorriu para ela.

— Pega a vassoura, Paulo, — ele falou — vou te ajudar a catar esses cacos.

Da cor do céu

Luciana Valadares Pinto

Quando a família se reunia para o Natal na casa da vó, lá nas bandas da fazenda do Embiruçu, perto de Felixlândia, era um ajuntamento de gente branquela rosada e falante, cabelos eriçados, olhos castanhos – da cor dos troncos do cerrado.

Aquele ano foi marcante porque me deixaram ir pra casa da vó antes dos pais, e ficar ali uns dias de férias com os primos. Era um caos de menino correndo e falando alto. Eu descobri que o lugar de refúgio do furacão natalino era na salinha lateral, onde ficava o presépio. As figuras eram diferentes de tudo que eu brincava, e me atraiu observar a beleza das roupas de muitos panos, os homens de saia, os bichinhos, a manjedoura e o forro bordado sobre a mesa. Mas, principalmente, a figura do bebê. Embora eu tivesse ímpetos de brincar com o que me parecia um bonecão, me contive a botar reparo, com encanto especial para a doçura do olhar cor de céu do menino.

De tardinha, a gente sem pai e mãe por perto, descobriu a graça de chegar o rosto na boca do fogão a lenha para soprar e ver o fogo pegar grande, a brasa pipocar. Mas nem tão solto assim a gente estava. Além da vó, havia a Ambrósia – sertaneja pardourada, calada e sisuda que estava sempre na lida; tinha cheiro de cebola, fuligem e doce, e ainda ajudava a botar moral no bando. Foi na hora que eu me enfiava curiosa para ver as chamas mais altas, que enxerguei pela primeira vez a cara dela de pertinho, ralhando firme, me encarando brava: o tempo parou naquela mirada azul.

Quando a mãe chegou, dias depois, eu não aguentava mais, louca para contar – “Mãe! Você não acredita! Já tinha reparado? De todo mundo que eu conheço, a Ambrósia é a única que tem os olhos iguaizinhos do menino Jesus!”

Árvores de Natal

Flávia Mafra

Num belo ano, minha mãe inovou na árvore de Natal lá de casa. Resolveu *artear*. Comprou umas folhas de isopor e nos chamou para ajudá-la. Ela cortava tiras de três centímetros de largura, em tamanhos crescentes. Aos poucos a nova árvore foi tomando forma. Quando atingiu uma boa altura, a mamãe nos colocou para enfiar uma por uma, pelo centro, num arame. Ao final, ela desalinhou as tiras num formato de espiral. Ficou lindo! Colocou, ainda, umas bolinhas de Natal vermelhas em algumas pontas, simetricamente, para não desequilibrar. Do alto da árvore de Natal, foi feito um gancho no arame. Penduramos a árvore numa porta e quando o vento batia, a árvore rodopiava lindamente, num espiral infinito!

A árvore bailarina

Rodopiava no ar

Desparafusando sorrisos

Num outro Natal, ainda *arteando*, mamãe quis fazer outra árvore diferente. Arranjou três madeiras grossas, com uns dois metros, e outras três menores, para servirem de base. Assim, com pregos e martelos, nós montamos uma pirâmide. Colocamos uma tela de galinheiro ao redor da pirâmide, bem esticadinha! Por dentro, no centro, de cima abaixo, penduramos luzinhas pisca-pisca coloridas. Daí, enfiamos guardanapos de papel brancos e abertos nos buracos da tela, com as pontas para fora; alternando um sim, outro não. À noite, quando acendíamos as luzes da árvore, ela reluzia no papel branco, refletindo e colorindo ao redor.

Madeira, arame e guardanapo

Apontavam o céu

Caminho de arco-íris

Êxtase

Celso Ribeiro/Ribas

Havia o presente prometido guardado a sete chaves em cima do guarda-roupa.

A seis chaves, a bem da verdade. Suas cuidadosas bordas dobradas em papéis presentes coloridos, deixavam-se antever aos nossos olhos girafas, alimentando nossa fértil e inquieta imaginação.

Levantávamos pescoço, corpo, braços, magrelas pernas, pés em pontas de dedos adivinhos.

Era segredo. Somente na grande noite saberíamos. Se nos comportássemos bem. Levados que éramos, espíritos ávidos a desvendar o mundo.

Segredos dos mais secretos alimentavam nossas imagens-sonhos nos olhos ávidos em vigília nas madrugadas infantis das dez horas da noite, atentos a descuidadas falas dos pais que pudessem sussurrar algo de revelador.

Nada. Nossas sonâmbulas almas continuavam sem saber exatamente o que estava nos aguardando lá em cima. Dias felizes de espera. Algo bom iria sempre acontecer.

No entanto, a grande aventura era outra.

Chovia muito no mês de dezembro. Um mês antes, antecipávamos os preparos.

Era nosso advento. A procura da árvore no meio do campo. Longe. Bem longe da minha casa para pernas menino.

O grupo, liderado pelo pai de facão na mão, selecionava a grande árvore de folhas recém-nascidas lá no alto, pertinho do céu.

Essa aqui. Não. Tá muito desgalhada. Aquela. Também não. Tá feia.

Íamos adiante, embalados pela confiança do encontro. Sem cansaço. Seguindo o seguro líder. Parávamos para cuidar das pernas. Tomar água. Fazer um ligeiro piquenique.

Nossa Santa Ceia. Meu pai, senhor religioso, proferia algumas palavras sacras. Crédulas rezas. Rituais cristãos. Eu não me lembro muito bem das palavras, queria logo ir atrás da procura da árvore certa. Mas, rememoro seus gestos solenes de agradecimentos a Deus.

Seguíamos. Lépidos. À procura. Essa aqui. Não. Corríamos. Aquela.

Em nossa casa não se fazia presépios. Minha mãe tinha uma superstição. Se, por algum motivo qualquer, não se fizesse o presépio por sete anos seguidos, alguém da casa morreria. Por medo, nunca o fizemos.

Nunca fez falta.

A grande sensação de todos os anos era montar a árvore de Natal. Enorme. Até o teto da sala. Majestosa. Sagrada.

Trazíamos a árvore como a um grande animal abatido. Braços meninos segurando aqui, ali, fazendo-se presente na divertida empreitada.

Arrastávamos todos os móveis. Seu lugar garantido era atrás do grande sofá. Em seus pés, latas enormes de alguma outra utilidade repleta de areia e pedras, envoltas em papéis brilhantes, vistos só nessa época do ano. Seria seu chão sustento daí para frente.

Enrolávamos algodão do pé até os galhinhos mais fininhos, imitando a neve que nunca conhecíamos, deixando entrever aqui acolá a casca grossa da árvore mãe. Folhinhas verdinhas preservavam o frescor verde esperança durante todo o mês.

Bolas cascas de ovo finíssimas, tão delicadas, quebravam à toa, até se ficássemos olhando demais para elas, vendo nossos rostos compridos refletidos por todos os lados. De tanto achar aquilo bonito demais, esbarrávamos, e era um deus nos acuda.

Eram amarradas uma a uma, através de argolas tamanho de um dedo mínimo de menino, embutidas no pezinho delas. As maiores no tronco, as médias nos galhos mais fortes, as menorzinhas nos desganhados longínquos espalhados nos finais da grande árvore.

Linda demais. Bonequinhos de louça balançavam devagar ao vento, as portas abertas para quem quisesse ver.

Majestosa presença na sala. Minha irmã professora explicava o significado de tudo. Da neve. Bolas vermelhas, frutos esperançosos. As folhinhas verdes a eternidade da vida.

A árvore vivia prenhe de coisas, visões de meninos refletidos correndo, olhares miragens encantados, desejos, sonhos, vontades de subir lá e ficar morando para sempre no meio de tudo aquilo.

Com o tempo novas modernidades. Era uma árvore de verdade trazida dos campos vastos. Nada de árvores artificiais. Pinheiros jamais. Não havia na minha cidade.

Pouco a pouco os presentes davam o ar da graça embaixo.

Um dia um, outro, outro. Nosso guarda roupa guardião esvaziava lá em cima.

Na grande noite, um tantão de fazer perder o fôlego, o sono, todas as angústias por não ter sabido quais seriam os segredos finalmente desembrulhados.

Só importava aquele todo abraço da grande árvore, aconchegante mãe dadivosa.

Os presentes nunca poderiam ser abertos antes da meia noite. Se dormíssemos, o bom velhinho iria embora. Aguentávamos firmes.

A Missa do Galo eternamente demorava. Eu detestava aquele galo trapalhão.

Depois a ceia. Peru. Vinho tinto. Castanhas do Pará. Mimos de uma só vez ao ano.

Só depois desse ritual todo era chegada a hora de abrir os presentes tão demoradamente esperados.

Simples. Maravilhosos. Carrinhos de plástico. Aviõezinhos de guerra. Armas de brinquedo. Cavalinhos de pau. Amigos para o ano inteiro.

Éramos felizes por demais da conta. De uma felicidade bondosa amorosa calorosa.

Meu pai era o grande ausente da noite de Natal. Por trabalhar na Rede Ferroviária, no setor de socorro aos trens que descarrilhavam, quase sempre era

chamado exatamente na hora da ceia. Chovia muito. Trens saiam de seus trilhos com facilidade. Lá ia meu pai debaixo do seu capote grosso todo encharcado.

Mas, dia seguinte, esplendor das maravilhas! Meu pai herói estava de volta, trens na linha, contando mil histórias. Hora de mostrar aos amigos da rua as prendas da noite-êxtase.

Seis de Janeiro, tristeza anunciada. Hora de se desfazer da árvore majestosa. Não podia ficar além desse dia. Daria azar. Era a norma. Uns tais Reis Magos viam buscá-la. Não sei para quê.

Outra vez reuníamos todos para desmontar tudo e guardar nas grandes caixas para recomeçar tudo de novo final do ano seguinte.

Crescíamos. Ficando fortes para trazer sozinhos a grande árvore outra vez nos ombros. Ritual que repeti muitas e muitas vezes.

Nunca mais me esqueci dessas cenas.

Retornam todo ano na minha memória afetiva, embalando-me de novo e de novo nas ternas noites de Natal.

Um sonho de Natal

Andréa Lisly

Aquele era o primeiro Natal que passaríamos fora, na residência de uma família de amigos dos meus pais. A fronteira que tinha sido cruzada tinha muito significado. O vínculo que nos unia era o da amizade, não o do parentesco, o que, em si, dava um sabor ainda mais especial ao evento. A expectativa era grande. Eu tinha cinco anos. Ajudei minha mãe a preparar os docinhos com gosto redobrado, os famosos “olhos de sogra”, muito superiores aos doces chamados beijinhos, que conhecemos hoje em dia, ainda que possam ser aparentados.

Naquela noite de dia 24 não choveu. O céu estava estrelado. Emoção das emoções: saímos tarde da noite, talvez duas horas antes da tão aguardada ceia. Quando chegamos ao portão de casa, meu pai falou, de um jeito arteiro, que “esquecera alguma coisa lá dentro”, voltando à casa e vindo se juntar a nós logo em seguida. Cheguei dormindo no local da festa. Só acordei na nossa casa, na manhã do dia seguinte. Certamente sonhei toda a festa: os encontros, a comunhão, os inevitáveis elogios aos docinhos feitos pela minha mãe. Só pode ter sido isso! Não lamentei um minuto sequer a minha inusitada participação no evento. Se houvesse necessidade de consolo – e não havia – lá estava, esperando por mim, debaixo da árvore de Natal, o mais lindo Bambi de pelúcia, em tamanho natural. Com toda certeza, meu pai esquecera a porta aberta, quando retornou à casa, na noite anterior, o que facilitou a entrada do Papai Noel!

Flashes natalinos

Nilson Amaral

Como um milagre, meninos deitávamos, na expectativa de surpreender o Papai Noel. Mas a gostosura de acolhimento da cama ia abrandando nossa vigília e, num passe de mágica, como em todas as noites, o sono nos abraçava. Depois, parecendo um sonho que se intensificava, acordávamos, já amanhecido o dia, com alguma surpresa de presente cuidadosamente deixado ao pé da cama. Daí era a meninada na rua a curtir brincando com o dia de Natal.

Festa de surpresas, festa de brincadeiras. Alegria.

Só não vá se perder por aí...

Priscila Albuquerque

Naquele Natal, os preparativos foram intensos. O palco era a sala da casa grande de esquina, de alicerce sólido e abacateiro no quintal, num bairro antigo de Belo Horizonte. Casa construída pelas mãos de meu avô, meu pai e mais alguns ajudantes, para abrigar família numerosa. Sendo muitos os filhos, quis o tempo que tios e sobrinhos fossem de uma mesma geração. Mas, mesmo que minhas tias fossem pouco menos crianças que eu, tinham a autoridade de tia, tratadas por “senhora”, com todo respeito.

E elas é que fizeram o roteiro da apresentação. A tia mais nova e mais entusiasmada fez todos os figurinos e elementos cênicos. Os outros cuidaram do som e da iluminação, numa produção muito sofisticada. O camarim era o quarto da vovó, que tinha porta para a sala de visitas. Isso era perfeito para a entrada no palco. Ensaios, ensaios, ensaios. O balé das primas mais bailarinas estava impecável. Iam dançar o Lago dos Cisnes. As meninas que não dançavam na ponta dos pés fizeram uma coreografia mais contemporânea, com a música de um filme antigo, “O golpe de mestre”.

Para os dois meninos muito arteiros e a outra prima da mesma idade, que não dançava, não cabia balé, segundo o costume da época. Iam então cantar e tocar uma música, como uma banda. A música escolhida era uma dos Mutantes, que era o "grito da moda". Tocam? Não! Cantam? Também não. Sem problemas! Na TV de então, até os artistas mais famosos dublavam suas músicas no programa do Chacrinha. Os meninos faziam como eles, com guitarras de papelão e um microfone improvisado.

O balé foi um sucesso! Que leveza, que sublime, que graça! A dança contemporânea foi um sucesso! Que alegria, que ternura, que graça! Veio a banda! Os meninos com as guitarras e a menina no vocal. Como os meninos eram mesmo da pá virada, nunca conseguiram ensaiar, pois ora um ora outro, faziam uma brincadeira, uma piadinha, e virava tudo uma grande confusão.

Mas, com o espírito lúdico que todos eles tinham, foram para o palco, com a

coragem de quem sabe que qualquer surpresa será bem recebida. E seja o que Deus quiser!

Os tios, sentados no sofá, aguardavam o rock começar. Mas o que aconteceu não estava mesmo previsto. No playback, os Mutantes deram os primeiros acordes de sua participação. Os primos, de nove para dez anos, começaram a improvisar uma dança maluca, porque a música tocou em rotação acelerada. A cena lembrava um filme de Carlitos, com movimentos rápidos, expressões engraçadas e um ritmo alucinante.

A plateia veio abaixo! Que surpreendente, que vivo, que graça!

Então, naquele Natal, a graça surgiu de vários modos, como pode ser e é bom que seja. Porque depois, ainda teve a oração, e o Menino Jesus foi colocado em seu lugar de protagonista. Mas, quando volto na memória daquele dia, o que ouço são as gargalhadas das pessoas que assistiam. Só muitos anos depois consegui me lembrar da música. Rita Lee (no disco) e eu (na bandinha dos primos) cantamos assim:

Ir seguindo o seu caminho

Sempre errando até um dia acertar

Mas não tenha muita pressa

Vá tentando devagar

Só não vá se perder por aí...

A magia da surpresa

Rosa Urpia

As lembranças mais gostosas dos natais da minha infância têm um cenário: a casa da minha vó Alice, no bairro de Roma, cidade baixa em Salvador. Como a minha mãe é a caçula de nove irmãos, são tantos primos, que nem sei dizer quantos. Encontrar essa família na noite de Natal era uma grande farra!

Ainda me lembro do cheiro que exala das Palmas de Santa Rita - as preferidas de tia Alicinha (ela morava com meus avós e tomava a frente nos preparativos). Em momentos especiais assim, a casa era enfeitada com muitos jarros espalhados pelos cômodos. Os arranjos eram nas cores branca e vermelha, por serem cores de Iansã, de quem minha tia era devota. Em outros vasos os ramos eram com flores brancas e róseas. Uma árvore de Natal bem pequena ficava no canto da sala. Não havia muitos enfeites natalinos, talvez devido à restrição financeira ou à pouca afinidade com a cultura estrangeira de um Natal cheio de neve, tão distante do calor de nossa cidade.

Era uma família de hábitos simples, mas não faltavam lembrancinhas para todas as crianças. No final, de tio em tio, saíamos com a sacola cheia de presentes... Claro que nenhum de nós esperava para abrir nada; mal recebíamos, já íamos logo rasgando as embalagens: pura alegria!

A noite era de brincadeiras e muita diversão, com crianças correndo pra todo lado: no quintal, na varanda e até na rua, que era quase uma continuação da casa.

O roteiro era primeiro dar uma passada na casa da minha vó italiana - Francisca (o jantar era delicioso, mas lá não era tão animado – tinha muita regra); depois, seguir caminho e encontrar a meninada na casa de minha vó Alice; por fim, ir pra casa, esperando com ansiedade a surpresa que Papai Noel deixaria.

Sem dúvida, o meu Natal mais marcante foi de quando eu tinha cinco anos. Sei disso porque ainda éramos só eu e Zé, meu irmão. Minha irmã Lili apareceu em nossas vidas no ano seguinte. Pois então, eu e meu irmão estávamos nas vésperas da grande noite conversando sobre o que gostaríamos de ganhar de presente. Eu já era grandinha e estava há tempos desejando uma bicicleta com rodinhas. Conte para Zé que esse era

meu pedido para o Papai Noel. Foi aí que meu irmão (a quem eu admirava, na sabedoria de seus quase oito anos), me falou que ele não existia e que eram nossos pais que compravam os presentes para nós. No começo não acreditei. Achei que estava brincando comigo, mas por que faria uma brincadeira dessas? Então ele me disse: – se você duvida, é só ficar acordada, mas com olhos quase fechados, e vai ver os dois entrando no quarto com os presentes.

E assim combinamos de fazer.

Finalmente, depois de uma longa espera, chegou a noite de Natal. Até tinha esquecido do Papai Noel durante o jantar e as brincadeiras, mas quando minha mãe disse que estava na hora de irmos pra casa, fiquei na maior excitação (metade ansiedade, metade receio da possível verdade). Até chegarmos em casa, descarregar o carro com os presentes, subir as escadas, preparar pra nos deitarmos, levou tempo. E a minha bateria foi chegando ao fim...

Eu e meu irmão dividíamos o quarto e nossas camas ficavam lado a lado. Minha mãe colocou uma cadeira de assento de couro vermelho-vinho ao lado de cada cama, onde os presentes seriam colocados. Fomos deitar e meu irmão me falou: – fica quietinha fingindo dormir que daqui a pouco eles vão trazer os presentes. Fiz o máximo de esforço que pude, mas minhas pálpebras pesavam neste momento uns dez quilos cada. Eu dizia pra mim mesma: – fica acordada, fica acordada! Mas nada adiantou. Quando abri os olhos, ainda meio embaçados, já estava claro e, de repente, como mágica, vi que no lugar das cadeiras estavam duas bicicletas (uma para mim e outra para meu irmão).

Nossa, que alegria! Que surpresa boa! Papai Noel existia mesmo e não tinha esquecido de mim!

Horas de espera - o cheiro de Natal no forno

Gabriel Haddad

Na minha casa, Natal sempre foi a festa máxima do ano. Em meados de novembro, sua brisa, com seu cheiro de anunciação, já começava a soprar pelas nossas janelas, numa corrente crescente que, a cada dia, ia enchendo mais a casa. Durante toda a minha infância, eu não sabia o que era advento - só me lembro de ouvir oficialmente essa palavra mais adiante, no fim da minha adolescência. Não obstante, eu já o vivia em cheio!

Advento: “há de vir”. A promessa da Grande Noite, como cheiro de bolo que vem do forno antes do próprio bolo aprontar. Enquanto o bolo, no forno, vai ficando pronto, preparamos a mesa, passamos café, escolhemos as xícaras, os pires e deixamos o cenário pronto para ele que há de vir. No Natal da minha casa, enquanto a Grande – breve e infinita – Noite vinha chegando, arávamos o terreno, imaginávamos a festa, montávamos a programação, ensaiávamos os atos, e abríamos os poros (da gente e da casa) para o novo, que havia de vir.

A cereja desse nosso bolo? O teatro de encenação do nascimento de Jesus, ponto alto da festa. Dias de audições coletivas da Bíblia, traduções a várias mãos para prosa teatral. Discos da Enya dissecados em busca da trilha sonora ideal. Depois, edições dos minutos precisos de cada canção para cada cena. Encomendas de equipamento de iluminação, preparação cuidadosa do cenário e roupas costuradas à medida para cada personagem. Narrador, anjos, Maria, Isabel, Reis Magos, José e seu cajado.

Nada demais, na dimensão do grande, mas tudo cheio, na plenitude do simples. Dias de uma promessa sutil - como a brisa -, mas transformadora. Frisson que re-desperta em mim toda vez que começa a fazer calor forte e chover muito: meados de novembro chegou! A Grande Festa... há de vir.

Casa da vó

Vanessa Horta

o simples
acolhe
o que há de vir

Lembranças soltas e ternas, de muitos Natais, me enchem o coração.

Montar a árvore entre irmãos, brincar de bonecas, a cidade de Dom Silvério, o encontro com primas, primos, tios e tias, a casa da vó cheia de gente, a mesa sempre farta de quitandas e comidas cotidianas e saborosas, o vô ainda entre nós (com seus assobios)...

E os cheiros! Do pernil no forno ao pão de queijo que nos tirava da cama cedinho, à dama da noite num quintal de aventuras!

Uma alegria esperar por esses Natais!

Comunhão

Júlia Almeida

Em uma cidade pequena no norte de Minas, vivia uma certa Tia Nem. Madrinha, comerciante e, felizmente, cozinheira. De mãos ágeis e trabalhadas pelos anos, possuía o dom de falar através da comida, transmitia a sua doçura. Sua família tinha apreço pela mesa farta e gosto pelo trabalho na cozinha.

Certa vez, uma caravana vinda de longe passou na cidade. Comandada por três homens, os estrangeiros traziam uns objetos exóticos, andavam em montarias com montanhas nas costas e contavam estórias. Queriam acertar uma direção e um lugar de descanso. A cidade, em um primeiro momento, se inquietou com aquele movimento. Olhares tortos surgiram e muitos negaram algum teto. Na última tentativa, foram na loja de Tia Nem.

A tia olhou bem para eles, sujos e cansados, com mulheres e crianças. Perguntou quantos dias ficariam. Seria um tempo apenas para se orientarem e desfrutarem de um descanso. Ela pensou um pouco. Lembrou que sua família vinha de uma linhagem de tropeiros, viajantes como eles, e se compadeceu de sua situação. *-Tem uma casinha um pouco para cima da cidade e perto do rio, vocês podem acampar por lá.* Ofereceu ainda seus serviços como cozinheira, o que aceitaram de pronto.

Ficaram quatro dias e, ao final, deixaram uma lembrança: tiraram um pote do seu baú e anotaram algo em um papel. Revelaram que aquele presente deveria ser repartido. Disseram que o pote trazia boas novas e acompanhava os passos da humanidade há tempos; não era simplesmente um ingrediente, era vivo! Se cuidassem bem, ele se multiplicaria. Chamavam aquilo de isca.

Passados 21 dias, a cidade se encontrava em polvorosa – aproximava-se uma grande comemoração. Por causa do evento, a família de Tia Nem, que morava em cada canto do globo, voltava a se encontrar. E a tia começou a pensar o que faria para a noite da celebração. A família ficaria por pouco tempo, cada um seguiria seu caminho, como aqueles viajantes.

Lembrou do presente, leu o papel que acompanhava o pote e sorriu. Era uma receita de pão! Levava três dias para ficar pronto: bem a tempo! No primeiro dia, fez crescer a isca. No segundo, trabalhou a massa. No terceiro, assou.

Anotou as palavras dos três homens para presentear os que vinham e os que ficavam; a família e a comunidade. A graça foi partilhada, o pão se multiplicou.

Amém.

Reconciliação

Celso Haddad

Ela tinha um nome inédito, minha tia. Chamavam ela de Biga, e pressupunham que era apelido para Abigail. Mas como tudo em sua história, o nome também não seguira o que os outros esperavam: BÍlgari!, um nome que ninguém conhecia e até hoje muitos desconhecem. Tia Biga teve filha cedo, sozinha, numa cidade que ainda não constava no mapa e que a hierarquia de absurdos era meio caduca. Precisou não estar mais lá e deixar a barriga crescer em paz noutro canto... voltava só para as festas de Natal, para reencontrar a família em que, gerações depois, eu nasci.

Como a maioria das famílias do estado, éramos católicos e comemorávamos o nascimento de Jesus com uma grande festa. Ensaiávamos por semanas e recontávamos a história da anunciação, do nascimento e dos milagres – com falas lembradas de cor –, enfeitávamos a casa e deixávamos palha fofa no centro do presépio para que o menino nascesse à meia-noite.

Mas Tia Biga não. A única que não era católica, apesar de também cristã, ela nunca pareceu ser muito das festas de Natal: não gostava de fotos, ia sempre dormir muito cedo e não participava nem das brincadeiras, nem das horas de reza — que no meu entendimento de criança, eram de participação mandatória. “Eu não rezo, eu oro!”, ela dizia. Orações estas que sempre tinham um vigor memorável, de palavras e gestos que tentavam varrer do corpo de criança qualquer ameaça e botar medo nos demônios.

Acontecia que um pouco do medo pingava em mim, e o quanto podia, eu tentava escapar das suas bênçãos. Nunca soube qual era seu jeito de celebrar o Natal e nunca aprendi como orar com ela — nossas preces pareciam ser de idiomas diferentes.

Mas a cena mudava na hora da ceia. Em uma mesa onde os perus e frangos e tortas eram destaque, era ela que fazia o prato que mais me chamava atenção. Nos momentos em que a cozinha baixava a guarda, quando ninguém estava olhando, ia ela queimar o açúcar, fazer banho-maria, montar a forma, guardar na geladeira e criar o suspense para a hora de desenformar — era ali que o Pudim nascia. Se perguntar para a família, ninguém dá notícia do que ela fazia: “*Não lembro de ela cozinhar*”, “*Quem*

fazia o doce não era a Maria?”, “Até me lembro do pudim, mas ele fazia parte do Natal?”...

Dourado, simples e único, era ali que eu vivia a grande emoção da expectativa de Natal. Ainda habita meu imaginário sua presença rara e discreta na festa, a ideia calorosa de que ela preparava a receita para conversar de alguma forma com as crianças. Naquele dia de dezembro, em torno de um Pudim, eu e tia Biga falávamos a mesma língua.

Um conto de Natal

Márcia Carvalho Ferreira

Lembra-se. Conta-se. Emenda-se.

Aconteceu, num pequeno e antigo vilarejo chamado Brejo, em meados de dezembro. O dia mal começara a surgir e os parentes já faziam ilações sobre o acontecido – ... *Mas ela não merecia... – Fora comigo, não tinha recurso...*

Moravam ali Maria e Joaquim, casados por mais de trinta anos, acompanhados de filhos, netos, parentes e amigos. Vivendo o cotidiano, sem bafo nem ranço, levavam uma vida regular, conforme esperado.

O marido, homem nem bom nem ruim, seguidor dos bons costumes, como ditam as regras sociais. Ela, generosa, sorriso largo, sempre de bem com a vida, se dizia feliz com o seu companheiro.

Eis que Joaquim começara, inesperadamente, a ter ânsias, aflições, perturbações. Introspectivo, passava o tempo sucumbido, como quem não tem nada a esperar. Assim se passaram alguns meses, quiçá anos.

Ela, a mulher, imaginava que aquela tristeza podia ser coisa hereditária, para ser tratada com medicamento e nenhuma cerveja. Mas sempre estavam às brigas, pois frequentemente ele se entregava à bebida, acreditando ser o remédio mais indicado.

Aquela situação lhe desassossegava a alma, corroía suas ideias. Um dia, acordado e cheio de coragem, resolveu arriscar sua sorte e mudar de vida. Decidiu contar à mulher o maior motivo da sua angústia. Revelou, sem volteios, que tinha uma filha, agora com 19 anos.

O peso daquele segredo, guardado a sete chaves, era grande demais para não causar um desatino naquela mulher, que ficou perplexa e por um tempo nada falou. Só chorava.

Até que olhou bem nos olhos de seu marido e disse: – *Só uma coisa me importa: você foi um pai presente para essa menina?*

Muitos ficaram surpresos; alguns, admirados. Na sua maioria, não compreenderam aquele gesto. Ela estaria certa ou errada? Grande parte reprovou a sua escolha e condenou aquele pai que, no fato, não tinha desamparado a filha.

Algum tempo se passou, até que alguém percebeu que aquela atitude não poderia ser medida, pois era tão somente bela. Um caso de vida e não de morte. Aos olhos daquela mulher acabara de nascer uma criança – a vida era uma roda gigante.

Assim, naquele lugarejo, hoje batizado Pedra do Sino, foram abençoados e celebraram a grande festa de Natal.

Patris Corde

Ana Maria Haddad

O menino chorava desassossegado, assombrando pequenos sonhos desejosos por vir.

Era então que mãos silentes, quase anônimas, o acolhiam. Sem uma palavra sequer, o pai o tomava tão pequeno nos braços e deitava-se na cama, colocando-o sobre o peito em posição delicada de bruços. Aquela criança recém-chegada aconchegava-se no colo paterno tornado berço — coração com coração.

Pai e filho esperavam. No calor do corpo paterno, o menino se aninhava em melhor posição. Sua cabeça se entregava ao peito do pai, em um abraço de corações que se deixavam conhecer. A criança se acalmava, aquietado com o ritmo do peito do pai. Adormecida, crescia. O pai, então, dormia também, como o mar calmo embala o barco em sua viagem.

Naquele presépio, todo dia era Natal. Dorme em paz, Menino; dorme em paz, José.